

## Uma família de sírios refugiados no divã: psicanálise, antropologia e direitos humanos

A family of Syrian refugees on the spot: psychoanalysis, anthropology and human rights

**Vladimir Porfirio Bezerra**

vladimir.bezerra@uol.com.br

Graduado em Psicologia (UNESA-RJ), com formação permanente em Psicanálise. Especialista em Gênero, Sexualidade e Direitos Humanos pela Escola Nacional de Saúde Pública (ENSP/ Fiocruz - RJ). Mestrando em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ). Pesquisador associado ao Grupo DADÁ, Grupo de Pesquisa em Relações de Gênero, Sexualidade e Saúde da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE - UAST). Estuda especificamente as ressonâncias da cultura, e as expressões e relações (de gênero, sexualidade e saúde) na sociedade e no indivíduo. Experiência e interesse nos seguintes temas: Teoria Psicanalítica, Antropologia Cultural, Antropologia do Corpo e das Emoções.

### Resumo

O trabalho apresenta e analisa alguns aspectos da experiência psicanalítica no atendimento a uma família de refugiados sírios no ano de 2016. O relato de experiência demonstra o quanto a influência da antropologia social e dos direitos humanos se mostraram fundamentais ao trabalho do analista, no desenrolar do processo psicoterapêutico.

Palavras-chave: direitos humanos, antropologia social, psicanálise, sociedade.

### Abstract

This paper presents and analyzes some aspects of the psychoanalytic experience with a family of Syrian refugees in the year 2016. The experience report demonstrates how the influence of Social Anthropology and Human Rights have been fundamental to the analyst praxis and to the unfolding of the psychotherapeutic process.

Key words: human rights, social anthropology, psychoanalysis, society.

## Introdução

Afinal, a que período histórico deve-se atribuir o nascimento dos direitos do homem? Seria viável pensar na Carta Magna de 1215, que limitava o poder dos monarcas ingleses, impedindo-os assim o exercício do poder absoluto?

Algumas fontes históricas creditam ao século XVIII o nascimento dos direitos do homem. Para outros autores, muitos documentos históricos levam a crer que as fontes desse direito são muito mais antigas.

Em todo caso, pensar a origem dos direitos individuais do homem remontaria ao antigo Egito e à Mesopotâmia, especificamente no terceiro milênio aC, onde existem registros de alguns mecanismos para a proteção individual em relação ao Estado (FALCONI & SANTOS, 2009). Assim, pensar direitos humanos representaria pensar circunstâncias históricas, caracterizadas pelas lutas por novos direitos e liberdades contra os velhos poderes.

Os direitos humanos – tema que atualmente representa o expediente de discussões em alguns campos de saber, por exemplo, o direito e a sociologia – apresentam-se atualmente como resultado de um processo histórico, permeado por lutas sociais contra os poderes constituídos numa dimensão de absolutismo; ou, um conjunto de direitos resultantes da reação a um determinado absolutismo, direitos que visam delimitar o poder de controle do Estado sobre os homens.

Esta concepção pode ser entendida a partir de uma passagem de *A Era dos Direitos* (1992), de Norberto Bobbio, que postula que:

Os direitos do homem, por mais fundamentais que sejam, são direitos históricos, ou seja, nascidos em certas circunstâncias, caracterizadas por lutas em defesa de novas liberdades contra velhos poderes, e nascidos de modo gradual, não de uma vez e nem de vez por todas. (BOBBIO, 2004, p.9)

O fragmento de caso a seguir servirá como um norte para pensar sobre a importância de alguns aspectos da antropologia social no trabalho psicanalítico; propõe-se uma breve reflexão sobre as relações e imbricações entre a cultura e a psicanálise no processo analítico do fragmento de caso aqui apresentado.

A reflexão sobre a influência da antropologia no trabalho em psicanálise realizado com a família síria apoia-se não somente nas notas introdutórias de Malinowski em *Argonautas do Pacífico* (1922), ou nas observações freudianas sobre o indivíduo e a sociedade (FREUD,

1929); conta com a contribuição de Roberto DaMatta em *Relativizando: Uma introdução à antropologia social* (2010).

A escolha de DaMatta justifica-se uma vez que, para o trabalho psicanalítico com a família síria, o livro cria um campo de diálogo cristalino sobre a antropologia social, o papel deste saber para entender o mundo, e sua influência sobre diversos outros saberes.

## O relato da experiência

Era uma tarde de junho no Rio de Janeiro, ano de 2016. Naquele dia, o pequeno intervalo de trabalho foi interrompido pelo barulho da campanha. Tratava-se de uma família falando um português que obrigava o profissional a redobrar a atenção. Precisavam falar, foi o que disse um amigo estrangeiro que os acompanhava até ali.

Foram convidados a entrar e, após algum tempo, descobriu-se que eram sírios, refugiados, passando por dificuldades de adaptação no Rio de Janeiro. Esta pequena família, desde então, recebeu acompanhamento semanal entre junho de 2016 e junho de 2017.

O desejo de iniciar o atendimento desta família se deu num momento em que meu contato com a leitura sobre antropologia ultrapassava as referências freudianas sobre este saber<sup>1</sup>. O contato com autores da antropologia social durante a realização de uma especialização em Gênero, Sexualidade e Direitos Humanos naquele ano me impulsionaram a aceitar o desafio de escutá-los.

Neste sentido, naquela tarde de junho, deparei-me com uma jovem adolescente, um homem e uma mulher, ambos de meia idade; vestimentas, língua, costumes: tudo parecia completamente diferente do que eu estava acostumado. Era a primeira vez que atendia pessoas de origem árabe. Ao final do encontro, a psicologia e a teoria psicanalítica pareciam haver me traído.

Houve incômodo, após elaborado, que se traduziu pelo sentimento que aquela rápida experiência havia aparentemente me deslocado de uma espécie de “zona de conforto”. O conhecimento da teoria psicanalítica não me parecia suficiente para atuar ao processo analítico da família.

Após a partida da família do meu consultório, eu havia sido convocado a desembarcar em outro lugar. Aos poucos, de modo a apaziguar o estranhamento, foi necessário um estudo introdutório, porém sistemático, da cultura árabe; uma espécie de antropologia, tímida, mas

---

<sup>1</sup> Em especial, os escritos freudianos em *Totem e Tabu* (1913), que possuíam uma visão evolucionista sobre outras culturas.

elucidativa, crucial para seguir com o projeto de atendimento aos refugiados. Afinal, eu pouco sabia sobre o povo sírio; caso voltassem ao consultório, não saberia por onde começar.

Nesse ponto, as contribuições de François Laplantine (1991) foram fundamentais. Segundo o autor,

(...) a etnografia propriamente dita só começa a existir a partir do momento no qual se percebe que o pesquisador deve ele mesmo efetuar no campo sua própria pesquisa, e que esse trabalho de observação direta é parte integrante da pesquisa. A revolução que ocorrerá na nossa disciplina durante o primeiro terço do século XX é considerável: ela põe fim à repartição das tarefas, até então habitualmente divididas entre o observador (viajante, missionário, administrador) entregue ao papel subalterno de provedor de informações, e o pesquisador erudito, que, tendo permanecido na metrópole, recebe, analisa e interpreta – atividade nobre! – essas informações. O pesquisador compreende a partir desse momento que ele deve (...) como aluno atento, não apenas viver entre eles [os nativos], mas a viver como eles, a falar sua língua e a pensar nessa língua, a sentir suas próprias emoções dentro dele mesmo (...) Em suma, a antropologia se torna pela primeira vez uma atividade ao ar livre (...) (1991, p.75-6)

Na semana seguinte, retornaram. Na grande sala de atendimento para famílias, acertados os trâmites protocolares<sup>2</sup>, restaram a família amontoada no sofá, eu – o analista –, um silêncio ensurdecedor e o vazio abissal entre todos nós.

Passados cinco minutos, um grito agudo irrompeu o ambiente; era a mulher. Em seguida o homem colocou suas mãos sobre a cabeça; num som eloquente, fez sinais de lamentação. A adolescente, baixou os olhos, num claro sinal de reprovação da inevitável cena.

## Uma antropologia psicológica ou uma psicologia antropológica?

O método do Dr. Malinowski caracteriza-se pela preocupação em levar em conta a complexidade da natureza humana. Ele observa o ser humano em sua totalidade, ciente de que o homem é uma criatura dotada de paixões tanto quanto de razão, e não poupa esforços para descobrir a base tanto racional e emocional do comportamento humano. (Sir James G. Frazer no prefácio de *Argonautas do Pacífico Ocidental*, 1978, p.6)

Atualmente, a experiência na clínica psicanalítica, e diversos serviços de psicologia em todo o mundo, tem se deparado com o atendimento a imigrantes e refugiados de diversas regiões.

Dados da ONU indicam que a guerra civil na Síria matou – até o ano de 2016 – mais de 250 mil pessoas<sup>3</sup>. O Brasil, somente em 2015, recebeu 532 imigrantes sírios em busca de

---

<sup>2</sup> Os trâmites de pagamento das sessões foram acertados através de um amigo da família, também sírio, estabelecido na cidade há 3 anos.

refúgio<sup>4</sup>. Na verdade, até então eu não me interessara pelo assunto no grau de profundidade ao qual fui convidado – pela família – a refletir.

De acordo com Borges e Pocreau (2009) e Laplantine (1991), a psicoterapia intercultural e a etnopsiquiatria, evidenciam a necessidade dos profissionais de saúde mental em ampliar e compreender, por meio do conhecimento etnológico e dos recursos fornecidos pela própria cultura, as distintas culturas que atualmente transitam com maior fluidez, por diversas regiões do mundo.

### **Teoria e prática clínica: aproximações entre a antropologia e psicanálise?**

É a partir do final do século XIX que se inauguram novos tempos para a ciência, e é possível, já neste ponto, arriscar um primeiro paralelo entre a antropologia e a psicanálise. Ambas se encontravam em um período de grande produção científica, e de crítica ao determinismo hegemônico da época.

É na apresentação de Malinowski ao leitor que Eunice Durham (1978, p.IX) indica que o início da carreira de Malinowski coincidiu com “um período de grande efervescência na antropologia, caracterizado pelo desenvolvimento e novas técnicas de pesquisa e pela crítica aos métodos vigentes”. Segundo a autora, até o fim do século XIX, “a quase totalidade dos antropólogos jamais havia sequer visto um representante dos povos primitivos”. Os trabalhos baseavam-se em material histórico, relatos de viajantes, e oficiais dos governos coloniais.

Por outro lado, no campo médico, segundo Plon e Roudinesco (1998), a psiquiatria da época preconizava a observação do enfermo sem escutá-lo e a classificação da patologia sem o intuito de oferecer-lhe tratamento; para Gay (2009), a insatisfação de Freud, médico psiquiatra e imerso neste contexto, era direcionada ao caráter positivista da medicina do século XIX.

De modo geral, é a partir de suas experiências com Charcot em Paris, no ano de 1885, que Freud propõe mais tarde um método terapêutico inovador, fundado na comunicação entre paciente e analista; uma experiência para além do observável, em busca das singularidades do sujeito.

---

<sup>3</sup> Dados obtidos em reportagem do jornal O GLOBO. Disponível em: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2016/02/numero-de-mortos-em-guerra-civil-na-siria-chega-a-470-mil-diz-jornal-20160211100505516954.html> Acesso em: 12 nov 2017.

<sup>4</sup> Segundo reportagem publicada pelo O GLOBO em 24 de abril de 2016. Disponível em: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2016/04/sirios-ja-representam-14-dos-refugiados-no-brasil.html> . Acesso em: 1 jul 2017.

Como indica Nasio (1995), a experiência analítica, portanto, poderia ser considerada uma experiência de comunicação, e se ocuparia de coisas simples e complexas, sujeitos expostos à incidência e estranhamentos entre um e outro (p.13).

Monique Augras (1982) indica que no término do estudo dedicado aos grandes pioneiros da antropologia cultural, Kardiner e Preble, na obra *Introduction à l'ethnologie* de 1966<sup>5</sup>, constatam a importância de Sigmund Freud na história das ciências sociais, em especial pela publicação de cinco obras com ligação direta com a antropologia: *Totem e tabu*, de 1913, *Psicologia das massas e análise do Eu*, de 1921, *O futuro de uma ilusão*, de 1928, *Mal estar na civilização*, de 1930, e *Moisés e o monoteísmo*, de 1939 (AUGRAS, 1982, p.3).

Na leitura cuidadosa das obras, é possível verificar a forte influência da antropologia no desenvolvimento do pensamento psicanalítico. Em linhas gerais, Mendes (2006) e Mezan (1986) indicam que o pensamento freudiano em certo ponto de sua trajetória trataria em parte do que há de inconsciente na cultura, daquilo que se manifesta nas entrelinhas do discurso da cultura.

Para Mendes, a psicanálise partiria do que a ciência deixa de lado, que é justamente o sujeito do inconsciente e o mal-estar nas relações com a cultura (MENDES, 2006, p.24); adicionalmente, esta seria uma das vias possíveis para a interdiscursividade, ou seja, a psicanálise possibilitaria o diálogo entre os diferentes discursos da cultura.

A própria história da antropologia indica que a partir do final do século XIX multiplicavam-se estudos antropológicos contendo observações presenciais, isto é, contato direto com nativos, o que se denominou “trabalho de campo”.

Para DaMatta (2010), este momento constituiu uma virada metodológica (p.166) associada ao chamado “funcionalismo”, e que logrou um deslocamento do pesquisador de seu gabinete, para lançá-lo às incertezas do mundo exterior.

Em linhas gerais, as reflexões sobre os escritos de Malinowski parecem sinalizar a importância de uma observação para além do ponderável (1978, p.29-30). Para o autor, a análise do etnógrafo compreenderia uma ótica que integrasse não apenas os detalhes observados a olho nu, mas que buscasse o significado de atividades que parecessem incoerentes e não correlacionadas.

Sobre isso, diz o autor:

Em outras palavras, há uma série de fenômenos de suma importância que de forma alguma podem ser registrados apenas com auxílio de questionários (...) A esses fenômenos podemos dar

---

<sup>6</sup> Editora Gallimard.

o nome de *imponderáveis da vida real*<sup>6</sup> (...) Todos esses fatos podem e devem ser formulados cientificamente (...), entretanto, é preciso que (...) seja acompanhado de um esforço para atingir a atitude mental neles expressa. (MALINOWSKI, 1978, p.72)

Nessa perspectiva, DaMatta (2010), ao indicar as principais diferenças entre as ciências naturais e as ciências sociais, assinala que o objeto de estudo das chamadas *ciências sociais*<sup>7</sup> seriam os fenômenos complexos. O autor postula que

... nos eventos que constituem a matéria-prima do antropólogo, do sociólogo, do historiador, (...) e do psicólogo, não é fácil isolar causas e motivações exclusivas. (...) Pois um bolo pode ser comido porque se tem fome e pode ser comido por “motivos sociais e psicológicos”. (DAMATTA, 2010, p.20)

Em oposição às ciências naturais, esses fenômenos complexos seriam dificilmente reproduzidos. Para DaMatta, o “problema não é o de somente reproduzir e observar o fenômeno, mas substancialmente o de como observá-lo” (2010, p.24). Isto é, o principal problema enfrentado pelo antropólogo em campo seria o de enfrentar sua própria constituição como sujeito na interação com o outro, uma vez que ambos compartilham de um mesmo universo das experiências humanas.

De fato, ao escutar semanalmente as histórias da família síria, foi possível viver a complexidade da experiência síria sobre o *shuq*<sup>8</sup>; entendo que estava em busca da mesma atitude mental assinalada por Malinowski, para compreender minimamente o que traziam.

Contudo, inicialmente, a inexperiência do analista pode ter falado mais alto. Uma enrascada?

## A saudade brasileira encontra a *nostalgia* síria – o *shuq* ( شوق )<sup>9</sup>

Certa vez, a família emocionada descrevia a pequenina cidade de origem entre paisagens, cheiros, pessoas. Eu estava ali, esforçando-me para entender cada palavra, mas absorto por imagens formadas em minha própria mente.

Se hoje é possível descrever a imagem, ela seria um emaranhado, composto por teorias – que pouco me ajudavam naquele momento –, projeções sobre a Síria descrita, e flashes

---

<sup>6</sup> Grifo do autor.

<sup>7</sup> Grifo de DaMatta, p.20.

<sup>9</sup> Na tradução: nostalgia. Trata-se muito mais de uma aproximação do termo *shuq* com a saudade do que a tradução literal.

<sup>10</sup> Transliteração do árabe: *shuq*.

próprios de tempos vividos numa infância e adolescência próprias, a experiência própria de saudade de tempos já vividos.

Em determinado momento, pergunto: “Do que mais sentem saudade?”, numa clara referência à minha própria história. Olharam-se de modo misterioso. Novamente um silêncio ensurdecedor tomou conta da sala. Lançaram um curioso olhar direcionado a mim, ao mesmo tempo que em segundos, retornaram a pergunta: “o que é saudade?”.

A família mais uma vez promoveria um deslocamento do meu lugar de analista – um território protegido pela teoria – para uma zona desconhecida. Automaticamente fui convidado, intimado a me deslocar a outras “regiões”; a família assim o fizera, não por maldade.

Na verdade, a família havia indicado, em minha elaboração posteriormente realizada, que era necessário mover-se em direção a eles. A saudade, com isso, deixara de representar um sentimento universal para tornar-se o *shuq* – شوق. Quanta confusão.

Explica-se aqui que, na interação com a família, minhas próprias perdas e a inicial inabilidade em relativizar o termo *saudade* foram utilizados por mim como passaporte sem visto consular adequado para cruzar as fronteiras entre o Brasil e a Síria. O silêncio mais uma vez instalou-se no ambiente, e um profundo estranhamento mútuo seguiu durante a sessão. A minha entrada fora negada na fronteira do *shuq*.

Assim como postula DaMatta, o objeto “ele tem também seu centro, o seu ponto de vista e as suas interpretações que, a qualquer momento, podem competir e colocar de quarentena as nossas mais elaboradas explanações (DAMATTA, 2010, p.30). Eis aí o principal exercício neste processo, descolar-se da confortável poltrona e deixar de lado o bloco de anotações para compilar dados.

Parece imprescindível, neste ponto do relato, indicar que a própria tradução do termo *shuq* por nostalgia exprime muito mais uma aproximação do que uma definição<sup>10</sup>. Nessa ótica, a antropologia proposta por Malinowski auxiliou na aproximação ao campo, para com isso, relativizar – como indica DaMatta – “todo o conjunto de crenças e regras que lhe é familiar” (2010, p.166).

Hoje, pensando no processo, já finalizado, fui convidado a despir-me de minha própria *saudade*<sup>11</sup>, para assim buscar compreender o *shuq*. Para lograr um processo analítico satisfatório levando a cabo o arcabouço teórico psicanalítico e sem esquecer a função do

---

<sup>12</sup> A antropologia das emoções problematiza essas questões. Ver mais em: REZENDE, C. B.; Coelho, M. C. *Antropologia das Emoções*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

<sup>14</sup> Afinal, a saudade de que falo é só minha.

psicanalista na experiência psicoterapêutica, primeiramente seria preciso deixar de lado teorias, mergulhando cuidadosamente no oceano de singularidades da cultura síria.

Durante algumas sessões, diversas canções em árabe foram trazidas pela família; as músicas falavam de melancolia e perdas, de lindas paisagens, de nascimento e morte, da fundação do país.

Por vezes a emoção surgia em meio a desenhos, cartões postais antigos e fotos de outros tempos mais felizes na Síria. Muitas vezes, quando já haviam deixado o consultório, era possível perceber a clássica foto de Freud<sup>12</sup> fitando o ambiente, com aquele olhar penetrante que vigia diariamente a prática clínica.

Perguntei-me por algumas vezes o que o velho analista diria deste trabalho com a família?

Muito embora a preocupação em determinar precisamente aquela prática – se uma *antropologia psicológica* ou uma *psicologia antropológica* –, neste ponto as ideias da antropologia somavam-se ao arcabouço teórico psicanalítico. O consultório passara a ser finalmente um lugar seguro onde aquela família poderia viver a Síria, uma vez por semana.

As contribuições de Luis Hornstein (2003), psicanalista argentino, que trabalha as relações entre intersubjetividade e clínica psicanalítica também foram de extrema valia.

Indaga Hornstein se

(...) é possível pretender que fórmulas simples permitam compreender o processo analítico? Não, analisar é hipercomplexo: escutar com atenção flutuante, representar, fantasiar, experimentar afetos, identificar-se, recordar, autoanalisar-se, conter, assinalar, interpretar e construir. (2003, p.105)

Livre da preocupação em montar um rico prontuário, com dados robustos apoiados em teorias e interpretações baseadas numa visão própria de saudade, o sintoma apresentado por esta família – o *shuq* – tornou-se finalmente a principal matéria-prima para o trabalho psicoterapêutico.

Perguntas – até então minha principal preocupação – deram lugar à livre circulação da palavra, do *tempo* da palavra – que incluía o silêncio, ou o barulho do lenço Kleenex<sup>13</sup> sendo arrancado da caixa para enxugar lágrimas.

Uma terapia guiada enfim, pela associação livre de palavras (ou de seus deslocamentos), e também pelo complicado movimento de presença e invisibilidade do analista no *setting*, um

---

<sup>15</sup> O arquivo em separado encontra-se como nota, ao final do relato.

<sup>16</sup> Marca de lenço de papel.

sinal de respeito ao jogo proposto pela família, uma dança de difícil manejo e que demandou tempo para que os ajustes pudessem ser realizados.

Com efeito, a *talking cure* de Freud<sup>14</sup> passou a funcionar à medida que a história do “real”<sup>15</sup> desses indivíduos se reconstruía numa articulação com a história de uma nova ordem que se instaura, longe de suas origens e costumes, em uma nova cidade.

O *shuq* – com o passar do tempo – se dissipou, dando lugar às soluções criativas criadas pela família para o apaziguamento da dor da separação com sua terra natal.

## Notas conclusivas?

Segundo orienta Birman (2000), uma das maiores dificuldades como psicoterapeuta pode ser a de sustentar, e por vezes fraquejar, o que identifica como a *sustentável leveza do psicanalista*. Diz Birman que

(...) a figura do analista não é, pois, um remédio, tampouco um fármaco, capaz de promover a salvação de almas sofredoras. Isso porque a psicanálise não é um saber médico capaz de gerir as enfermidades (...) A figura do analista seria alguém capaz de sustentar radicalmente a experiência da morte indicada pela dor do desamparo, acreditando que, da fronteira com o horror do impossível, o sujeito vai advir. (2000, p.49).

Com isso, como indica Jacques Lacan, “(...) o analista é posto à prova na condução do tratamento, em relação à percepção do quanto de angústia pode seu paciente suportar durante a experiência analítica”<sup>16</sup>.

É possível aqui complementar a ideia de Lacan; o analista é posto à prova também em relação ao quanto de angústia pode ele próprio suportar enquanto espera a elaboração ser feita por seus pacientes.

Os lugares de analista e pacientes foram questionados por diversas vezes, numa dinâmica intermitente. Em certo ponto do trabalho com essa família, os papéis de nativo e estrangeiro foram invertidos e experimentados. Afinal, quem era o estrangeiro?

Naquela tarde chuvosa de junho de 2016, ao abrir a porta do consultório, atendeu-se ao desejo da família de achar um lugar onde poderia reconstruir sua história; para isso foi

---

<sup>17</sup> Consideram-se aqui os Casos clínicos como referência.

<sup>18</sup> O “real” compreendido como a angústia. Ver mais em Lacan, *O Seminário, Livro 10*, Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

<sup>19</sup> Ver mais em Lacan, *O Seminário, Livro 10*, p.13.

necessário ceder o lugar de analista nativo aos verdadeiros anfitriões desta experiência, a família síria.

Esse movimento configuraria uma tentativa de tornar as sessões mais proveitosas, e possibilitaria cada parte envolvida poder transformar o que DaMatta denomina de exótico em familiar, e o familiar em exótico (2010, p.15).

De um lado um mundo social e cultural diverso, desconhecido; do outro, o jovem analista que insistia em manter-se em segura distância, buscando na teoria aprendida na academia algumas certezas.

Não posso me culpar. O fato traduz o que DaMatta sinaliza como uma tendência dos sujeitos à visão totalitária do mundo social (2010, p.51), fato que marca nossa contemporaneidade.

Eis algo que ao pesquisador se configura um desafio? A constante vigilância. Pensar o *shuq* foi um embarque com destino às incertezas, sem garantias de chegada.

Para isso, recorre-se à colocação de Malinowski. Diz o autor:

Tive de aprender a comportar-me como eles e desenvolvi uma certa percepção para aquilo que eles consideravam como “boas” ou “más” maneiras. Dessa forma, com a capacidade de aproveitar sua companhia e participar de alguns de seus jogos e divertimentos, fui começando a sentir que entrara realmente em contato com os nativos. (MALINOWSKI, 1978, p.22)

Misturar-se cuidadosamente à esta família, e aceitar a aventura de conhecê-los através das tardes de música no consultório, revivendo momentos, e deixando-se emocionar junto a eles, possivelmente tenha sido o tal visto consular do qual o analista necessitava para cruzar a fronteira emocional que separava a família do profissional.

Transferência e contratransferência, o jogo do afetar e ser afetado pela família síria; o *shuq* e suas histórias. Com isso o analista pôde relativizar seus parâmetros, fazendo nascer justamente “uma dialética entre o fato interno, com o fato externo” (DAMATTA, 2010, p.29); isto é, um espaço seguro de reflexividade e crítica, em dimensão individual e social, para a família e para mim.

Gradativamente envolvido num jogo de afetar e ser afetado, finalmente foi autorizada a captação da visão essencial dessa família em relação aos seus sentimentos, seja sobre a guerra, seu país, num trágico e lindo conjunto que resultava num sintoma que aqui denominamos *shuq*.

O avanço na experiência com a família síria foi em parte possível pelas “contribuições” de Malinowski e sua proposta de antropologia, salvos os termos que na contemporaneidade não mais se aplicam. Diz o autor que

(...) embora possamos, por um momento, entrar na alma de um selvagem e através de seus olhos ver o mundo exterior e sentir como ele deve sentir-se ao sentir ele mesmo – nosso objetivo final ainda é enriquecer e aprofundar nossa visão do mundo, compreender nossa própria natureza e refiná-la, intelectual, artisticamente. (MALINOWSKI, 1978, p.373)

Mas afinal, sobre esta prática em clínica, como podemos denominá-la? Uma antropologia psicológica ou uma psicologia antropológica? Seguimos sem a resposta.

Ao final do processo, em junho de 2017, a família já não mais me chamava de *doutor*, e sim de *estrangeiro*<sup>17</sup> – أجنبي, ou 'ajnabi. Curiosamente, a expressão surgiu acompanhada de sorrisos durante os encontros, justamente quando a dor do *shuq* havia se dissipado em certo grau. Os lugares haviam finalmente sido delimitados, fronteiras estabelecidas.

Afinal de contas, ser chamado de *estrangeiro* a essa altura do campeonato representou um sinal, uma espécie de aviso prévio de que era a minha vez de vivenciar a dor do luto, ao ver a família seguir o curso de suas vidas ressignificadas, sem mais nossos encontros semanais.

#### Nota:

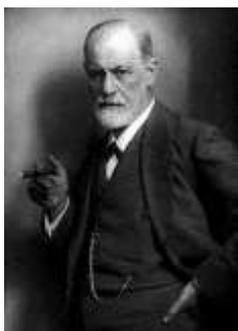


Fig.1: Sigmund Freud, por Max Halberstadt, em 1922. Fonte: The New York Times Store/Google

---

<sup>20</sup> Transliteração do árabe: 'ajnabi.

## Referências bibliográficas

- AUGRAS, M. As fontes explícitas da obra antropológica de Freud. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, Rio de Janeiro, v.34, n.2, p.3-15, 1982. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/abp/issue/view/1187> . Acesso em: 3 jul 2017.
- BIRMAN, J. *Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- BOBBIO, N. *A era dos direitos*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.
- BORGES, L. M.; POCREAU, J-B. Reconhecer a diferença: o desafio da etnopsiquiatria. *Psicologia em revista*, Belo Horizonte, v.15, n.1, p.232-45, abr. 2009. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1677-11682009000100014&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682009000100014&lng=pt&nrm=iso) . Acesso em: 2 jul 2017.
- DAMATTA, R. *Relativizando: uma introdução à Antropologia Social*. Rio de Janeiro: Rocco, 2010.
- FALCONI, N.; SANTOS, J. J. Evolução Histórica dos Direitos Humanos. *Revista Eletrônica Intertemas* (Presidente Prudente), São Paulo, 2009. Disponível em: [www.intertemas.unitoledo.br/revista/index.php/ETIC/article/download/1712/1634](http://www.intertemas.unitoledo.br/revista/index.php/ETIC/article/download/1712/1634) Acesso em: 24 set 2017.
- FREUD, S. Edição Standard Brasileira. Várias edições.  
*Estudos sobre a histeria* (1893-1895).  
*O caso de Schereber, artigos sobre a técnica e outros trabalhos* (1911).  
*Totem e Tabu e outros trabalhos* (1913).  
*Psicologia das massas e análise do ego* (1921).  
*O mal-estar na Civilização* (1930).
- HORNSTEIN, L. *Intersubjetividad y clínica*. Buenos Aires: Paidós, 2003.
- LACAN, J. *O seminário, livro 10: a angústia* (1962-1963). Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- LAPLANTINE, F. *Aprender Etnopsiquiatria*. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- MALINOWSKI, B. *Argonautas do Pacífico Ocidental*. Coleção Os Pensadores. Trad. A. P. Carr e Lígia A. Cardieri. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- MENDES, Eliana Rodrigues Pereira. Sigmund Freud e as interseções entre psicanálise e cultura. *Reverso*, Belo Horizonte, v.28, n.53, p.23-8, set. 2006. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-73952006000100004&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-73952006000100004&lng=pt&nrm=iso) . Acesso em: 12 nov 2017.
- MEZAN, R. *Freud, o pensador da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- NASIO, J-D. *Introdução às obras de Freud, Ferenczi, Groddeck, Klein, Winnicott, Dolto, Lacan*. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.
- ROUDINESCO, E.; PLON, M. *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998